

MEMÓRIAS  
DA  
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS  
DE  
LISBOA

CLASSE DE LETRAS

TOMO XLII

---

As edições portuguesas dos  
*Cóloquios de Garcia d'Orta*  
(1563-1963)

ARTUR ANSELMO

---



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS  
DE LISBOA

LISBOA • 2021



# As edições portuguesas dos *Cóloquios* de Garcia d'Orta (1563-1963)

ARTUR ANSELMO

A história das várias edições portuguesas dos *Colóquios* de Garcia d'Orta começa em Goa, no ano de 1561, após a chegada do arcebispo D. Gaspar de Leão. Nessa data sai dos prelos goeses de João Quinquêncio e João de Endem o *Compendio spiritual da vida christã*, da autoria do próprio arcebispo.

Como é geralmente sabido, foram os Jesuítas que introduziram a técnica tipográfica em Goa, pelo menos desde 1559, ano da impressão, no Colégio de São Paulo, dos *Opuscula* de São Boaventura. Ora, ao desembarcar em Goa, no ano seguinte, D. Gaspar de Leão levava no seu séquito um tipógrafo italiano (João Quinquêncio, da Campânia) e outro de origem alemã (João de Endem<sup>1</sup>), ambos representando interesses comerciais de João Blávio de Colónia, tipógrafo alemão estabelecido em Lisboa e bem conhecido do arcebispo, para quem imprimira, em 1558, um *Tractado spiritual pera o sacerdote quando diz missa*. A documentação publicada por Venâncio Deslandes<sup>2</sup> acerca da oficina de João Blávio (transferida, por morte deste, para Francisco Correia) não deixa dúvidas de que:

1.º Houve duas tipografias em Goa no século XVI: a dos Jesuítas e a de João de Endem, comissionista de João Blávio até 1563 e de Francisco Correia até 1573;

2.º Nem João Blávio nem Francisco Correia alguma vez estiveram na Índia.

É João de Endem quem, sozinho, se encarrega da composição e impressão dos *Colóquios* em 1563, pois, entretanto, não mais se fala de João Quinquêncio.

---

<sup>1</sup> Pequena cidade a norte da Alemanha, perto da fronteira com a actual Holanda.

<sup>2</sup> Venâncio Deslandes, *Documentos para a história da tipografia portuguesa*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1888, pp. 42-45 e 72-73.

Suponho que este teria morrido e que o seu ajudante Endem se viu a braços com a encomenda, sem dispor ainda de competência profissional para o fazer. O médico Dimas Bosque, no caderno de abertura dos *Colóquios* (impresso depois de concluída a impressão do texto de Garcia d'Orta), diz-nos que «faltara» o principal impressor e o trabalho ficara «em mãos de um homem, seu companheiro, que não era mui dextro na arte de imprimir e pouco corrente no negócio de impressão». Ao contrário de todos os que leram na palavra «companheiro» alusão a um ajudante de João de Endem, penso que a crítica do médico valenciano é dirigida ao próprio Endem, «companheiro» de João Quinquêncio na impressão do *Compendio spiritual* de D. Gaspar Leão em 1561.<sup>3</sup> Se o impressor campanês, em 1563, não pôde ocupar-se da edição dos *Colóquios*, e dado que o seu nome não mais aparece ligado a actividade profissional de tipógrafo, tudo indica que, uma de duas: ou abandonara a arte ou falecera. Note-se que, no rosto do *Compendio*, o nome de João Quinquêncio precede o de João de Endem; ora a história da tipografia mostra que, havendo parceria de tipógrafos, o mestre figurava em primeiro lugar e o parceiro em segundo.

Estas considerações vêm a propósito de a 1.<sup>a</sup> edição dos *Colóquios* de Garcia d'Orta ser um dos livros quinhentistas em língua portuguesa mais carregados de erros tipográficos («gralhas», na gíria corrente da profissão) que se publicaram em qualquer parte: nada menos que vinte estiradas páginas (fls. 229 a 238) esclarecem – umas vezes bem, outras nem por isso, outras mal – os «erros da impressão, que são muitos, e alguns deles podem mudar o entendimento, por onde é necessário que se leiam».

Não se ignora que Garcia d'Orta, sobre ser afamado farmacólogo, escrevia um português beócio, ainda por cima enxameado de castelhanismos; mas, sendo autor familiarizado com a língua portuguesa, era certamente capaz de fazer uma revisão tipográfica do seu texto, se não exímia, ao menos apta a detectar os numerosos e grosseiros erros com que o tipógrafo componedor desfeara a escrita dos *Colóquios*. Presume-se, por isso, que os trabalhos de impressão avançaram na ausência do autor, sem que este se tivesse apercebido das trapalhices linguísticas, quase todas produzidas por incompreensão dos caracteres manuscritos

---

<sup>3</sup> Do meu conhecimento, somente Venâncio Deslandes (*ob. cit.*, pp. 68-69) viu bem a questão, responsabilizando João de Endem pelos deslizes tipográficos da 1.<sup>a</sup> edição dos *Colóquios*.

(exemplos: *pigmentas* em vez de *perguntas*; *dizeis* por *direis*; *prover* por *para ver*; *fostificada* por *fortificada*; *virem as* por *veremos*; *que elle por que o ler*, etc.).

Sabemos hoje, na pegada do Comandante Júlio Gonçalves<sup>4</sup>, que Garcia d'Orta desde 1549 que saíra de Goa para se refugiar na ilha de Bombaim, por estar receoso («apavorado», escreve Júlio Gonçalves) de ser preso pela Inquisição. Aí tinha instalado «a sua sala de escudos, a livraria, o herbário, os serviçais adestrados na colheita das espécies botânicas»; daí saía «facilmente e amiúde» para visitar «o seu amigo Nizam», isto é, o rei de Almednagar, aliado dos Portugueses. Foi o próprio Orta que pediu a D. João de Castro o *jaguir* (ou feudo) de Bombaim, que recebeu no regime maometano de concessões territoriais, mantido pelo Vice-Rei no regresso da expedição a Diu.

Deste modo, o Comandante Júlio Gonçalves veio alterar radicalmente a ideia de que Orta viveria habitualmente em Goa e apenas, uma ou outra vez, iria receber as suas rendas a Bombaim. «Não posso aceitar – escreveu Júlio Gonçalves, contra a opinião do Conde de Ficalho – que Orta vivesse em Goa, e fosse episodicamente a Bombaim arrecadar as suas rendas, nem que daquela cidade se deslocasse a corte do Nizam, quando esta ficava perto de Bombaim; tão-pouco aceito que o autor dos *Colóquios* viajasse pelos Gates, como diz aquele ilustre cientista [*isto é, por terra*]. Por isso chamei a atenção do Dr. Silva Carvalho, que me honrou com a sua estima, para a contradição de que Garcia d'Orta, ameaçado nos seus bens, e até na sua vida, como mais tarde se provou, preferisse viver em Goa, quando tinha tudo em grande sossego na sua ilha e casa de Bombaim<sup>5</sup>».

Concluída a edição de 1563 (da qual são conhecidos hoje, em todo o mundo, cerca de 25 exemplares),<sup>6</sup> foi esta enviada para a Europa na armada de D. Jorge de Sousa, talvez, segundo Damião Peres<sup>7</sup>, a bordo da nau capitânia *Santa Maria do Castelo*, que chegou a Lisboa em Maio ou Junho de 1564. Neste mesmo ano,

---

<sup>4</sup> «Garcia d'Orta e a sua ilha de Bombaim.» *Boletim da Sociedade de Geografia*, Lisboa, série 81.ª, n.º 7-12, Jul.-Dez. 1963, pp. 203-212. Opinião idêntica tivera J. Gerson da Cunha no seu estudo clássico *The origins of Bombay* (1900), pp. 98-122.

<sup>5</sup> Sobre a casa goesa de Garcia d'Orta e as suas visitas à corte do Nizam, *vide* Conde de Ficalho, *Garcia d'Orta e o seu tempo*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1886, pp. 214-218 e 231-232.

<sup>6</sup> O investigador João Alves Dias identificou um exemplar, na biblioteca de Évora, com variantes textuais e tipográficas, nomeadamente na versão da *Ode ao Conde do Redondo*, de Luís de Camões. (Cf. *Jornal Expresso*, n.º 2119, de 8.6.2013).

<sup>7</sup> *Boletim da Academia das Ciências de Lisboa*, (1963), p. 216.

vijando por Espanha e Portugal como acompanhante do riquíssimo, e então jovem, Jacob Fugger (1542-1598), o naturalista francês Charles l'Écluse – mais conhecido por Clusius, seu nome alatinado – teria encontrado, algures em Lisboa (na estalagem onde amesendava ou em qualquer oficina de livreiro), um exemplar dos *Colóquios*. Surpreendido com a novidade das informações de Garcia d'Orta e lamentando o facto de a obra estar escrita em português, logo se propôs traduzi-la para latim (língua internacional dessa época)<sup>8</sup> e dá-la a conhecer ao mundo culto europeu. Daí nasceu a *Historia aromatum et simplicium aliquot medicamentorum apud Indos nascentium*, com edições em 1567, 1574, 1579, 1593 e 1605, todas plantinianas.

Cedo começou a árvore dos preciosos conhecimentos de Garcia d'Orta a dar frutos. Entre estes merecem atenção especial as obras de Juan Fragoso, intitulada *Discursos de las cosas aromaticas* (Madrid, 1572), e, principalmente, a de Cristóvão da Costa, sob o título de *Tractado de las drogas y medicinas de las Índias Orientales* (Burgos, 1578). A primeira é paráfrase descarada dos *Colóquios*, sem que o nome de Garcia d'Orta apareça alguma vez mencionado no texto, e apenas uma vez no índice; a segunda esclarece, na página-de-rosto, que nela «se verifica mucho de lo que escrivio el Doctor Garcia de Orta», fórmula ambígua que serve de chapéu a um número considerável de plágios, à mistura com observações pessoais. Costa partira para a Índia em 1568, na armada de D. Luís de Ataíde, como físico e cirurgião; não conviveu, por isso, com Garcia d'Orta, falecido nesse mesmo ano, mas os ecos da fama do mestre chegavam-lhe de todos os lados, o que o levou a completar o texto dos *Colóquios* e, não raro, a elucidá-lo com desenhos de anatomia vegetal.

---

<sup>8</sup> Na biblioteca da Universidade de Cambridge conserva-se o exemplar dos *Colóquios* que Clusius adquiriu em Lisboa em Janeiro de 1565, com notas manuscritas marginais do próprio naturalista francês. (V. Thomas Earle, *Livros de escritores portugueses impressos antes de 1640 nas bibliotecas de Oxford e Cambridge*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2014, p. 272, n.º 627. Provavelmente, ou traduziu ele próprio ou encomendou o trabalho a alguém. Para Tricot-Royer, numa comunicação 3.º Congresso Internacional de História das Ciências, realizado em Portugal (1934), foi Clusius o tradutor: «Un regret, cependant, lui serrait le coeur, c'est qu'écrit en langue lusitane il n'était accessible qu'aux seuls Portugais. Ceci le décide à se mettre courageusement à l'oeuvre prenant sur lui la tâche de répandre en langue latine la bonne semence jusqu'ici réservée a un territoire de mediocre espace. Très épris d'études botaniques dès ses plus tendres années, l'entreprise le séduisait. Mais il condensa sa traduction en un abrégé, traitant chaque chapitre en un ordre plus commode et rejetant tout détail hors sujet.» (*Actes conferences et communications[du Congrès]*), Lisboa, 1936, pp. 373-384.

\*

Até aos anos 40 do século XIX, pode dizer-se que os *Colóquios* de Garcia d'Orta não suscitaram em Portugal qualquer interesse científico especial. É por essa altura que a Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa adquire, a conselho de Lima Leitão, seu presidente, um exemplar da edição impressa em Goa em 1563. Pretendendo reimprimir a obra, para a tornar acessível à comunidade científica portuguesa, aquela instituição solicitou o patrocínio do Governo, o qual prontamente deu instruções nesse sentido à Imprensa Nacional. Tratar-se-ia, no pensamento dos directores da Sociedade, de uma edição diplomática, corrigida dos erros da 1.<sup>a</sup> edição e com «notas históricas e científicas»; dela se encarregaria Almeida Garrett, o propriamente dito, o futuro prosador inimitável das *Viagens na minha terra*.

Mas a ideia não vingou, em parte por inabilidade diplomática do médico Lima Leitão, que, esquecendo o compromisso com Garrett, convidou o Cardeal Saraiva (Frei Francisco de São Luís) para ser o principal conselheiro do projecto de reedição. Discretamente, Almeida Garrett afastou-se da empresa, e o cardeal faleceu pouco depois de iniciados os trabalhos (1845). António José de Lima Leitão, o autor da ideia, viveria ainda uma dezena de anos, mas, tendo entretanto deixado de presidir à Sociedade das Ciências Médicas, os muitos trabalhos que tinha em mão distraíram-no de um assunto que só lhe trouxera amargos de boca.

Em 1872, por iniciativa de Francisco Adolfo Varnhagen, a Imprensa Nacional imprime a 2.<sup>a</sup> edição dos *Colóquios*, usando como protótipo o exemplar da Biblioteca (então Imperial, hoje Nacional) do Rio de Janeiro. No rosto, talvez para justificar o patrocínio da Academia de Medicina do Rio, chama-se a atenção do leitor para o facto de «algumas frutas» referidas na obra serem «cultivadas [...] no Brasil». Vem a propósito lembrar que Varnhagen desempenhava então as funções de embaixador do Brasil na corte de Viena de Áustria. Da leitura da sua *Correspondência Ativa*<sup>9</sup> depreende-se que terá vindo a Lisboa em Julho de 1872, mês em que reviu as provas dos *Colóquios* até ao diálogo quinto. Por decreto

---

<sup>9</sup> Coligida e anotada por Clado Ribeiro de Lessa. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1961, pp. 366-369.

imperial de Agosto de 1872, foi feito Barão de Porto Seguro e partiu para a Rússia, a fim de representar o seu país no Congresso de Estatística reunido em São Petersburgo neste mesmo mês. Na ausência de Varnhagen, encarregou-se da revisão o bibliógrafo Inocêncio Francisco da Silva, bem conhecido do futuro Visconde de Porto Seguro desde os tempos em que este pesquisou em Portugal (país da sua formação académica e cultural) os principais arquivos e bibliotecas do Reino (1839-1850). A edição dos *Colóquios*, de tiragem reduzida, desapareceu rapidamente do mercado português, uma vez que a maior parte dos exemplares seguiu para o Brasil. Varnhagen viria a morrer em 1878, no seu posto diplomático de Viena de Áustria.

Em 1884, por sugestão do Conde de Ficalho na Academia das Ciências de Lisboa, levanta-se de novo a possibilidade de se reeditarem os *Colóquios*. É ele próprio, Francisco de Melo Breyner, 4.º Conde de Ficalho, lente da cadeira de Botânica na Escola Politécnica («misto primoroso e raro de homem de estudo e de homem da Corte, consórcio professoral e maravilhoso de *magister scientiarum* e de *magister elegantiarum*», como lhe chamou Eduardo Burnay<sup>10</sup>), quem declara ter coligido material não apenas para a restituição textual dos *Colóquios* mas também para notas e comentários científicos à obra-prima do Renascimento Português. O projecto dividir-se-ia em duas fases: a primeira concretiza-se em 1886, com a edição da obra *Garcia de Orta e o seu tempo*, da autoria do Conde de Ficalho; a segunda toma corpo em 1891 e 1895, com a publicação dos dois volumes da 3.ª edição dos *Colóquios*.

Não desejando repetir as informações que, a propósito desta edição, foram trazidas a lume por dois grandes investigadores cuja memória justamente se venera na comunidade científica (Augusto da Silva Carvalho<sup>11</sup> e Jayme Walter), apresento seguidamente excertos de várias actas das assembleias gerais da Academia das Ciências de Lisboa, que não foram divulgadas até hoje.

---

<sup>10</sup> *Elogio do Conde de Ficalho*, lido na sessão solene da Academia Real das Ciências em 25 de Março de 1906. Lisboa, *Memórias da 2.ª classe*, Tomo XI, parte 1, p. 9.

<sup>11</sup> Cf. *Garcia d'Orta: comemoração do quarto centenário da sua partida para a Índia em 12 de Março de 1534*. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1934. Cf. «Bibliografia Principal», In *Garcia de Orta*, revista da Junta de Investigação do Ultramar, n.º especial comemorativo do 4.º centenário da publicação dos «Colóquios dos simples», Lisboa, vol. 11, n.º 4 (1963), pp. 857-875.

*Sessão de 31 de Janeiro de 1889* (presidência de Tomaz de Carvalho):

«O Sr. Conde de Ficalho disse que propusera em tempos à Academia que se fizesse uma nova edição dos *Colloquios dos simples* de Garcia de Orta, acompanhada de comentários e notas, e que, havendo sido encarregado de dirigir este trabalho, desde logo a ele se aplicara, e que das duas lucubrações neste assunto dera testemunho publicando um livro sobre *Garcia de Orta e o seu tempo*. Descobriu que na Imprensa Nacional existia uma antiga portaria ordenando que se fizesse ali a reimpressão; que esta circunstância se podia utilizar para facilitar a edição sob os auspícios da Academia, visto que a Imprensa Nacional se presta com a melhor vontade a desempenhar o trabalho tipográfico; que, para se fazer a edição, era necessário que a Biblioteca Nacional emprestasse à Academia um exemplar perfeito que possui dos *Colloquios*, além de outro, que está incompleto; que, para este fim, oficiará ao Vice-Presidente da Academia pedindo-lhe que se oficiasse neste sentido ao Governo, que até agora não respondera à solicitação da Academia. Propôs que se novo se officie ao Ministério do Reino pedindo-lhe ordene à Biblioteca Nacional que entregue o exemplar completo à Imprensa Nacional, ficando ali em depósito, sob a responsabilidade da Academia, até se concluir a nova edição.

O Sr. Presidente disse que se informara ao Ministério do Reino acerca deste assunto e soubera que o Sr. Inspector das Bibliotecas e Arquivos hesitava em deixar sair da Biblioteca Nacional o único exemplar completo que lá havia. Disse que trataria de solicitar ao Ministério do Reino que se deferisse as instâncias da Academia.

O Sr. José Horta desejou saber se efectivamente se havia oficiado ao Governo. O Secretário [*Latino Coelho*] disse que se havia oficiado; apenas o Sr. Conde de Ficalho tinha desejado que se pedisse emprestado o livro de Garcia de Orta.

O Sr. Presidente disse que naturalmente se removeriam as dificuldades que obstavam ao empréstimo, mas que, se elas subsistissem, existia um exemplar na biblioteca da Sociedade das Ciências Médicas, cujo presidente, o Sr. Arantes Pedroso, estava presente, e que não teria dúvida em o emprestar.

A Classe determinou que novamente se oficiasse ao Ministério do Reino, reiterando o pedido para que a Biblioteca Nacional empreste à Academia o exemplar de Garcia de Orta».

*Nota de expediente em 21 de Fevereiro de 1890:*

Devolução do livro de Garcia de Orta *Colóquios dos simples*, da edição de 1563, «o qual pela Biblioteca Nacional foi temporariamente cedido à Academia Real das Sciencias a fim de servir de texto à nova edição empreendida por esta corporação».

*Sessão de 4 de Abril de 1895* (presidência de Silva Amado):

«O Sr. Conde de Ficalho apresenta à Academia um exemplar do segundo e último volume da edição dos *Colloquios* de Garcia de Orta, que a Academia o encarregou de dirigir e anotar. O Sr. Conde de Ficalho resume em breves palavras a história do trabalho que acaba de terminar, sentindo não ter podido desempenhar-se há mais tempo da honrosa missão de que a Academia o incumbiu.

O Sr. Consiglieri Pedroso [...] tece o mais caloroso elogio à importante obra do sócio Conde de Ficalho, dizendo que está próxima a celebração do Centenário da Índia e que tem duplo valor, neste momento, tudo quanto, tão directamente como o livro de Garcia de Orta, se refira ao glorioso papel que os Portugueses representaram no Oriente. Diz que os trabalhos académicos do Sr. Conde de Ficalho são, como os de João de Andrade Corvo, um exemplo de que têm de gloriar-se a Academia e a literatura nacional.

[...] O Sr. Theophilo Braga diz que esta sessão deve ficar memorável por nela ter sido presente o livro de Garcia de Orta, com tão alta competência anotado pelo Sr. Conde de Ficalho. Mostra como somente um escritor de tão complexa e variada erudição, como a do Conde de Ficalho, podia levar a cabo uma tal obra, resgatando a responsabilidade portuguesa da dívida por falta deste livro contraída com a literatura e com a civilização do nosso tempo. Define a largos traços o papel que coube a Garcia de Orta na história científica da Renascença e conclui propondo que a Academia recomende calorosamente ao Governo o nome do sócio Conde de Ficalho como credor perante o Estado da mais alta distinção de que pode ser objecto um escritor.

O Sr. Conde de Ficalho diz que se acha suficientemente remunerado e recompensado do seu trabalho pelo prazer que lhe deu cumpri-lo com toda a dedicação e toda a diligência de que é capaz; e considera desproporcionado e descabido todo o reconhecimento que ultrapasse os limites da cooperação e da solidariedade académica.

O Sr. Vasconcellos Abreu elogia incondicionalmente a obra do Sr. Conde de Ficalho, considerando-a mais especialmente no ponto de vista filológico, e diz que ela está na plana dos mais importantes trabalhos desta ordem, entendendo que será pouco tudo o que se fizer para exprimir ao Sr. Conde de Ficalho a gratidão que a Academia lhe deve.

O Sr. Conde de Ficalho agradece as palavras de benevolência e de amizade que os seus consócios se dignam consagrar-lhe. Posta a votação, a proposta do Sr. Theophilo Braga é unanimemente aclamada.»

*Sessão de 2 de Maio de 1895* (presidência de Silva Amado):

«Tendo o Sr. Conde de Ficalho publicado o livro *Garcia de Orta e o seu tempo*, alguns anos antes do aparecimento da edição monumental dos *Colloquios dos simples* de Garcia de Orta, julgava o Sr. Dr. Theophilo Braga da máxima conveniência que esse livro, com alguns novos retoques, servisse de introdução geral à obra que acabava agora de ser realizada sob os auspícios da Academia. Tendo portanto de ser reimpressa no mesmo formato da obra monumental, propôs o Sr. Theophilo Braga que o Sr. Vice-Presidente ficasse autorizado para, na sequência do cumprimento da portaria que mandou imprimir a obra de Garcia de Orta, se imprima, no mesmo formato e como parte dela, o notável estudo do Sr. Conde de Ficalho.

O Sr. Conde de Ficalho aceitou este alvitre, depois de algumas explicações do Sr. Tomaz de Carvalho.»

*Sessão de 6 de Junho de 1895* (presidência de Silva Amado):

«[...] O Sr. Tomaz de Carvalho pede autorização da Academia para distribuir o segundo tomo da obra do Sr. Conde Ficalho pelos sócios e pelas academias estrangeiras. Propõe que ao autor sejam dados 300 exemplares, e que a primeira parte da obra seja reimpressa na Imprensa Nacional.

O Sr. Theophilo Braga diz que na sessão passada fizera a mesma proposta apresentada pelo Sr. Tomaz de Carvalho. Explica o seu pensamento dizendo que se não trata unicamente de dar uniformidade tipográfica aos dois volumes do Sr. Conde de Ficalho, sendo um *Garcia de Orta e o seu tempo* e o outro *Colloquios dos simples e as drogas da Índia*. É de presumir que, depois de feitas as eruditas anotações que acompanham a edição crítica dos *Colloquios*, o autor tenha que fazer

preciosos retoques na biografia do naturalista cuja obra tão profundamente estudou depois de publicado o seu primeiro volume.

É aprovada a proposta do Sr. Tomaz de Carvalho relativa à reimpressão *Garcia de Orta e o seu tempo*, o qual ficará constituindo com o livro *Colloquios* uma só obra, que se não poderá trincar para a venda ao público ou aos livreiros. O director da Tipografia, de acordo com o autor, fixará o preço de cada exemplar.» (A reimpressão de *Garcia de Orta e o seu tempo* não se fez então. Da 1.<sup>a</sup> e única edição há uma reimpressão fac-similada, que a Imprensa Nacional editou em 1983, com um prefácio de Nuno de Sampayo.)

\*

Nos anos 60 do século xx, com a aproximação do 4.<sup>o</sup> centenário da publicação dos *Coloquios* de Garcia d'Orta, de novo a Academia das Ciências mostrou a sua provada capacidade de liderança em assuntos simultaneamente de interesse científico e de prestígio nacional. A primeira referência à sua participação na efeméride é feita pelo médico Costa-Sacadura, em sessão da Classe de Ciências realizada em 20 de Abril de 1961. Meses depois, em 1 de Fevereiro de 1962, é aprovada, em sessão plenária, a escolha da comissão encarregada de dirigir os trabalhos de comemoração do 4.<sup>o</sup> centenário; dela fazem parte Costa-Sacadura, Toscano Rico, Sousa da Câmara, Fraga de Azevedo, Damião Peres, Laranjo Coelho e Júlio Gonçalves.

Em 24 de Maio de 1963, sob a presidência do Chefe do Estado, decorre a sessão solene destinada a assinalar a conclusão dos *Colóquios* em Goa, quatrocentos anos antes, mais precisamente em 10 de Abril de 1563. Intervêm Amorim Ferreira (presidente da Academia), Costa-Sacadura e Maximino Correia (pela Classe de Ciências) e Damião Peres (pela Classe de Letras).

Pouco depois, é lançada a edição fac-similada dos *Colóquios* de 1563, feita a partir do exemplar que pertenceu ao rei D. Manuel II e fora disponibilizado, para esse efeito, pela Fundação da Casa de Bragança. A reprodução do cimélio foi realizada, pelo processo *off-set*, nas oficinas lisboetas de Ramos, Afonso e Moita. Tiraram-se 1500 exemplares sobre papel nacional fabricado expressamente para a edição. As despesas da execução gráfica foram cobertas pelo mecenato da Fundação Calouste Gulbenkian.

No prefácio há uma palavra de agradecimento ao Senado da Universidade de Coimbra, que vale a pena recordar:

Resolvera este alto órgão universitário, aprovando uma proposta apresentada pelo Prof. Doutor Maximino Correia, incluir nas suas projectadas comemorações quadricentenárias da publicação dos *Colóquios* uma reprodução fac-similada da edição *princeps* dessa obra, ignorando então, tanto o proponente como a ilustre assembleia, que igual decisão fora anteriormente tomada pela Academia das Ciências. Tendo porém tomado conhecimento desta iniciativa, logo um e outra desistiram da sua, facto que o Senhor Reitor da Universidade de Coimbra se apressou a comunicar ao Presidente da Academia em ofício de 9 de Junho de 1962, cujos termos finais são, gentilmente, os seguintes: «O Senado só tem que regozijar-se com o facto de ser a Academia das Ciências a promover a publicação fac-similada da 1.<sup>a</sup> edição dessa obra».

Finalmente, em 1 de Abril de 1965, coube ainda a Maximino Correia a honra de acrescentar uma nova pedra branca aos trabalhos académicos sobre Garcia d'Orta. Em sessão da Classe de Ciências, o antigo reitor da Universidade de Coimbra apresenta uma comunicação intitulada «Garcia d'Orta e a Anatomia», onde o cientista dos *Colóquios* aparece associado a André Vesálio, o autor do famoso tratado *De humani corporis fabrica* (Basileia, 1543). Trata-se de um trabalho notabilíssimo, no qual, esclarecendo o motivo por que, no colóquio 47, Garcia d'Orta, a propósito da planta «raiz da China», se refere a Vesálio, Maximino Correia prova que o sentido do texto «não é apenas clínico mas de largo conteúdo anatómico<sup>12</sup>».

Nas muitas contribuições científicas prestadas ao culto de Garcia d'Orta a Academia das Ciências de Lisboa fez jus, como lhe competia, ao seu lema de sempre: *Nisi utile quod facimus, stulta est gloria*.

(COMUNICAÇÃO APRESENTADA À CLASSE DE LETRAS  
NA SESSÃO DE 25 DE JULHO DE 2013)

---

<sup>12</sup> *Boletim da Academia das Ciências de Lisboa* (1965), pp. 160-173.